

Pixinguinha

Autora: Isabel Seabra Moreira Ribeiro

2010

ESCOLA WALDORF SÃO PAULO

PIXINGUINHA

A Biografia de Alfredo da Rocha Vianna Filho

Autora : Isabel Seabra Moreira Ribeiro

Orientadora : Clarissa Pastor

9º ano

São Paulo

2010

Índice

O Mundo mais leve.....	4
Do início ao fim (cronologia).....	6
Contexto Histórico.....	9
Os amor de Pixinguinha.....	11
Homenagens.....	16
Pixinguinha bem acompanhado.....	17
Projeto Funarte.....	19
Carinhoso.....	20
Letras.....	24
Partitura.....	25
Conclusão.....	26
Bibliografia.....	27

O MUNDO MAIS LEVE

Pixinguinha, o Músico

Antes de falar porque escolhi o nosso astro Pixinguinha, quero que saibam que se fosse algum tempo atrás eu não conseguiria fazer alguma coisa que satisfizesse a vontade das pessoas que iriam ler, então, meus Senhores e minhas Senhoras, apenas leiam e imaginem. A vida nem sempre é para ser levada a sério, mas há devidos momentos em que é melhor estarmos atentos às coisas que virão.

Eu escolhi a biografia de Pixinguinha porque... não há um único, mas pequenos motivos que me deixaram surpreendida, afinal nem todo negro vira um astro da música brasileira, viajando por lugares que muitos brancos gostariam de estar. Pixinguinha não foi o único no cenário da música brasileira; houve outros astros também negros e, se não fosse o talento e a perseverança deles, muitos diriam que esse sucesso era uma coisa bem impossível de acontecer.

Na época em que Pixinguinha viveu e agora ainda temos muito preconceito em relação à cor, então, achei que valeria a pena mostrar para as pessoas que cada um tem sua cor. Mostrar que a cor não muda o que temos por dentro e o melhor: somos todos seres humanos independentemente de nossas cores. Ao ler sobre a vida de Pixinguinha, resolvi fazer a sua biografia porque nela há a música, algo que encanta a todos. Outro motivo foi perceber que nós podemos ter um sonho e realizá-lo com muito suor e trabalho. E é isso que nos faz ter orgulho de nós mesmos, para que olhemos para frente e vejamos que podemos ter esperança sempre.

Pixinguinha foi para mim mais do que um músico, foi um professor... As canções que fez e a poesia que ele traz para o mundo são coisas que muitos músicos, hoje em dia, não conseguem fazer e também não fazem nem idéia do que estão escrevendo ou cantando. Muitos músicos da atualidade sequer conseguem sentir o sabor das letras e ver o leve brilho

das poesias.

Acho que não posso dizer ao certo todos os porquês da minha escolha; afinal, são muitos os motivos. Pretendi trazer fatos que podem, ou não, deixar vocês curiosos tanto quanto eu... Então, leiam, viajem, imaginem, sintam, criem, ou melhor: vivam!

Lá vem Portela
Com Pixinguinha em seu altar
E o altar da escola é samba
Que a gente faz
E na rua vem cantar
Portela, seu carinhoso tema é oração
Prá falar quem ficou com devoção
Em nosso coração
Pizidim, Pizidim, Pizidim
Era assim que a vovó Pixinguinha chamava
Menino bom em sua língua natal
Menino bom que se tornou imortal
A roseira dá rosa em botão
Pixinguinha dá rosa canção
E a canção bonita é como a flor
Que tem perfume e cor
E ele que era um poema de ternura e paz
Fez um buquê que não se esquece mais
De rosas musicais

Samba-enredo *O Mundo Melhor de Pixinguinha*, que levou a Portela – escola de samba do Rio de Janeiro – a vencer o desfile de carnaval de 1969. O samba foi criado por Jair Amorim e Evaldo Gouveia.

DO INÍCIO AO FIM

Cronologia

1897 – Nasce em 23 de abril Alfredo da Rocha Viana Filho;

1910 – Aos 12 anos de idade Pixinguinha fez sua estréia como músico;

1911 – Pixinguinha começa a ter aulas com Irineu de Almeida, o Irineu Batina, e começa a tocar profissionalmente;

1913 – Passou a integrar o "Grupo do Caxangá";

1914 – Tem sua primeira composição editada pela Casa Carlos Wehrs – o tango *Dominante*;

1915 – Tem suas primeiras músicas gravadas: *Dominante* e as músicas *Carne Assada* e *Não Tem Nome*,

1917 – Compõe *Carinhoso*;

1918 – Grava *O Malhador* para o carnaval de 1919;

1919 – Cria junto com os músicos Donga, China e outros o grupo “Os Oito Batutas”, compõe *Um a Zero*, e o samba *Já Te Digo*;

1920 – Apresentam-se em um almoço oferecido ao Rei Alberto, da Bélgica, que estava em visita ao Brasil.

1922 – “Os Batutas” viajam para a França e Argentina;

1923 – Grava treze músicas com “Os Batutas”, para a gravadora Victor, de Buenos Aires;

- 1926** – Pixinguinha estréia como orquestrador e regente da Companhia Negra de Revista;
- 1927** – Pixinguinha se casa com Albertina, estrela da Companhia Negra de Revista;
- 1928** – Pixinguinha cria a Orquestra Típica Pixinguinha-Donga, e compõe *Lamentos*;
- 1929** – Destaca-se no mundo da música a gravação do samba de sua autoria: *Gavião calçado*;
- 1930** – Como solista de flauta, gravou o choro *Agüenta seu, Segura ele* e *O urubu e o gavião*;
- 1932** – Organizou e integrou como flautista, arranjador e regente o "Grupo da Velha Guarda", conjunto que reuniu alguns dos maiores instrumentistas brasileiros da época;
- 1933** – Diploma-se em teoria musical no Instituto Nacional de Música;
- 1935** – O casal Betty - Pixinguinha adotou uma criança, Alfredo da Rocha Vianna Neto, o Alfredinho;
- 1937** – Orlando Silva grava *Carinhoso* (Pixinguinha e João de Barro) e *Rosa* (Pixinguinha e Otávio de Souza);
- 1940** – Villa-Lobos aponta Pixinguinha entre os mais representativos artistas da Música Popular Brasileira;
- 1946** – Inicia a parceria com o flautista Benedito Lacerda;
- 1947** – Gravam juntos: *André de sapato novo* e *Ainda me recordo*;
- 1949** – Voltam a gravar juntos: *Sedutor* e *O gato e o canário*;
- 1950** – Gravam juntos: *Atraente* (um lado só do disco); *Matuto*, *Displicente*, *Menina do sobrado* e *Vagando*;
- 1954** – Sua carreira começa entrar em declínio;
- 1955** – Alcançam grande sucesso na Boate Casablanca;

1956 – É inaugurada a Rua Pixinguinha, no bairro de Olaria, Rio de Janeiro;

1957 – Pixinguinha realiza inúmeras gravações, entre as quais cinco LPs contendo 60 músicas e mais um 78 r.p.m contendo a polca *Marreco quer água* e o choro *Paciente*, ambos de sua autoria;

1958 – Recebe o Prêmio da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, diploma concedido ao melhor arranjador pelo Correio da Manhã e pela Biblioteca Nacional;

1961 – Pixinguinha é nomeado Conselheiro, atuando junto ao Conselho Nacional de Cultura;

1962 – Alex Viary convida Pixinguinha para fazer a trilha sonora de seu filme *Sol sobre a lama*;

1964 – Sofre um enfarte e é internado no Instituto de Cardiologia. Pelo período de dois anos, afasta-se das atividades artísticas;

1966 – Foi um dos primeiros a registrar depoimento para a posteridade no Museu da Imagem e do Som;

1967 – Recebe a Ordem de Comendador do Clube de Jazz e Bossa, dirigido por R.C.Albin e Jorge Guinle, e o Diploma da Ordem do Mérito do Trabalho, conferido pelo Presidente da República;

1968 – É lançado o LP *Gente da antiga*;

1971 – A RCA Victor lança, em parceria com o M.I.S, o LP gravado ao vivo *Pixinguinha 70* (extraído de concerto realizado no Teatro Municipal) e a Odeon lança o LP *Som Pixinguinha*;

1972 – Morre Albertina, a D. Betty (mulher de Pixinguinha);

1973 – Pixinguinha falece vítima de problemas cardíacos.

CONTEXTO HISTÓRICO

Quando Pixinguinha nasceu o Brasil estava a trilhar os primeiros passos republicanos. Na virada do século, o Brasil ainda era dependente, não só de Portugal, mas de toda a Europa. A cultura e a sociedade ainda eram escravagistas e pouco ou quase nada mudara para o povo em geral.

Decisões e discussões mal chegavam aos ouvidos da população e, embora já houvesse uma imprensa atuante, nem todos sabiam ler. Sob esse aspecto, Pixinguinha foi um privilegiado, pois pôde frequentar uma escola.

Embora a cidade natal do músico fosse a capital do País, quase nada dos aspectos políticos ou mesmo de uma cultura europeizada o influenciou. Por essa época, a população negra era muito mais organizada do que na atualidade e reuniam-se em clubes específicos e tinham uma produção cultural própria. Foi nesse caldo cultural, brasileiríssimo, que Pixinguinha nasceu e tornou-se músico.

Entretanto, as décadas que se seguiram à formação do músico foram marcadas por inúmeras agitações políticas, como a Revolução Constitucionalista, na São Paulo de 1932; ou mesmo os grandes comícios da Era Vargas e avanços nas leis trabalhistas; o comunismo e a ousadia da Coluna Prestes ou, ainda, o nacionalismo dos Integralistas. Nada desses episódios parece influenciar diretamente o trabalho de Pixinguinha.

No âmbito cultural, o nacionalismo benéfico da Semana de Arte Moderna, em 1922, pode ter aberto uma janela para a apreciação da obra de músicos como Pixinguinha, mas por essa época, o músico já fazia muito sucesso.

O texto a seguir mostra muito bem como era o ambiente da época e traz um perfil rápido do temperamento do músico:

“Anunciam que o conjunto Os Batutas atuará em Paris e espalha-se a indignar na imprensa brasileira, O que vão pensar do Brasil os europeus? Acharão que este país é uma colônia africana? No repertório dos Batutas não há árias de ópera nem valsas, e sim maxixes, lundus, corta-jacas, batuques, cateretês, modinhas e recém-nascidos sambas. Esta é uma orquestra de

negros que tocam coisas de negros: os artigos exortam o governo a que evite tamanho desprestígio. Imediatamente o Ministério de Relações Exteriores esclarecem que Os Batutas não vão em missão oficial nem oficiosa.

Pixinguinha, um dos negros do conjunto, é o melhor músico do Brasil. Ele sabe disso, e o assunto não lhe interessa. Está muito ocupado buscando em sua flauta, com endiabrada alegria, os sons roubados dos pássaros.”

Memoria do Fogo vol.3, página 84- Eduardo Galeano - O Século do Vento

OS AMORES DE PIXINGUINHA

Biografia

“Pixinguinha é o maior e mais importante músico brasileiro de todos os tempos. Penso mesmo que sua música tem o poder de cura.”

Paulinho da Viola, compositor e cantor

Assim como aconteceu com muitos astros da música popular brasileira, Pixinguinha foi criado no dia a dia simples, em meio à rotina humilde de um brasileiro. Nasceu no subúrbio da Piedade, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 23 de abril de 1897 e passou a infância no Catumbi, também um bairro da cidade do Rio. Esse cotidiano influenciou a obra do músico, pois foram os sons produzidos nesses subúrbios que sensibilizou e aguçou a vontade de fazer música. E, por conta de não ter contato com outras classes sociais, não sofreu influências culturais diversas.

Seu pai foi Alfredo da Rocha Vianna e sua mãe Raimunda da Rocha Vianna. Dona Raimunda se casou duas vezes, tendo no total 14 filhos. O Seu Alfredo, pai de Pixinguinha, foi o segundo marido. Ele trabalhava como funcionário dos Correios e Telégrafos, sendo músico nas horas vagas, fazendo pequenos shows e montando reuniões com amigos também músicos.

Quando menino, Alfredo da Rocha Vianna Filho era chamado Pizinguim pela sua avó, cuja língua materna, de origem africana, utilizava essa palavra para chamar alguém de o “pequeno bom”. Após ter varíola, seus amigos o chamavam de Bexiguinha, e com o tempo, juntando os dois apelidos, ficou Pixinguinha. Com nove anos, Pixinguinha aprendeu suas primeiras letras em uma escola particular.

Junto com o aprendizado das primeiras letras e contas, Pixinguinha também começou sua trajetória no mundo da música. Primeiramente aprendeu cavaquinho com um de seus irmãos, Henrique. Por volta dos nove ou dez anos já acompanhava seu pai em bares e casas de shows para tocar. Com o pai também aprendeu a tocar flauta. Como se o destino quisesse fazer Pixinguinha brilhar, o músico Irineu de Almeida foi morar na casa dos Vianna, por

causa de problemas financeiros. Assim, Pixinguinha ganhou seu primeiro e grande mestre.

Antigamente, as crianças começavam a trabalhar mais cedo, principalmente entre os pobres. Pixinguinha tinha só 11 anos quando saiu a tocar com o pai e seus amigos pelos chamados ranchos. Em uma dessas vezes, quando voltava de uma apresentação na madrugada carioca, a carregar sua flauta italiana de prata – um presente do pai, quando percebeu que o menino era talentoso –, inspirou-se nos litros de leite colocados nas soleiras das portas e compôs seu primeiro chorinho: *Lata de leite*. Três anos depois, o músico começava a despontar no meio artístico do Rio de Janeiro. Irineu era o diretor de harmonia do rancho Filhos do Jardineiro, e ao organizar a orquestra de carnaval de 1911, incluiu Pixinguinha. Ainda em 1911 foi convidado a gravar uma série de discos na Favorite Records. Aos 16 anos, já fazia parte do grupo “Caxangá”, que seria a base para o grupo “Os Batutas”, igualmente famoso.

Um ano depois, Pixinguinha vira diretor de harmonia do rancho Paladinos Japoneses e também faz parte de outro conjunto, conhecido por Trio Suburbano, constituído por Pedro Sá no piano, Francisco de Assis no violino, e por ele, tocando sua flauta.

Aos 18 anos, quando se preparava para ingressar no serviço militar, seu sonho era seguir a carreira de músico.

Aos 22 anos, Pixinguinha é um dos mais celebrados músicos do conjunto “Os Batutas”. Segue para temporadas em Paris e, assim, conhece o sucesso fora do Brasil. Isso não traria a ele, ainda, todo o merecido reconhecimento. Também foi nessa época que aconteceu de uma música sua, pela primeira vez, fazer sucesso: *Já te digo*, parceria de Pixinguinha com seu irmão Otávio, conhecido como O China. O surgimento dessa canção mostra um pouco do ambiente musical que existia naquela época. *Já te digo* é um samba, meio maxixe, que foi uma resposta a outra canção, chamada *Quem são eles*, uma provocação musical do músico Sinhô, lançada no ano anterior.

Primeiramente, foram “Os Oito Batutas”, depois transformaram-se em “Os Batutas” por conta de um dos participantes do grupo ter desistido horas antes do grupo embarcar para uma turnê em Buenos Aires, Argentina. Lá, foram levados pelo “papo esperto” do agenciador e acabaram ficando sem dinheiro. Para voltar para casa tiveram de vender seus instrumentos.

Sendo muitas vezes discriminados por suas origens negras, tanto Pixinguinha quanto outros artistas negros foram mais prestigiados na Europa do que em solo brasileiro, pelo menos no começo de carreira. “Os Batutas” também foram chamados para ir à França, para passar uma pequena temporada. Acabaram ficando mais do que o previsto, pois o sucesso foi enorme. Eles ficaram seis meses e só voltaram por conta da grande saudade que batia no peito de cada um dos músicos do grupo. Além disso, haveria a comemoração do centenário da independência brasileira e eles queriam estar presentes à festa, afinal, era disso o que eles mais gostavam.

Uma vez Pixinguinha deu uma entrevista ao MIS (Museu da Imagem e do Som) falando que eles (“Os Batutas”) não aguentavam mais ficar na França e que lá é difícil de fazer amigos. A vida é muito agitada. Ainda nessa entrevista, Pixinguinha disse que os franceses eram finos, eram delicados, mas não com muito tempo e por isso mal conversavam:

- *Ça va? (Como vai?).*

- *Ça va? (Como vai?).*

- *Á demain! (Até amanhã).*

- *Á demain! (Até amanhã).*

Isso era demais para Pixinguinha!

Embora ainda moço, a experiência de vida e musical deu a Pixinguinha muita maturidade. Isso, mais a genialidade, fez com que ele, aos 26 anos, conseguisse compor uma das músicas mais belas e inesquecíveis da história da música brasileira: *Carinhoso*. Uma das “coisinhas simples” que esse músico realizou. Pois assim eram chamadas por seu próprio autor as suas músicas. Também foi com modéstia que se tornou orquestrador. E, quando tentava explicar a alguém como é que fora capaz de compor uma bela canção, dizia: “elas vêm, só isso.”

Também nessa época tornou-se o orquestrador da RCA – a principal gravadora a funcionar no Brasil no final da década de 20 e durante a década de 30.

Depois de percorrer palcos europeus com “Os Batutas”, começou a viajar pelo Brasil participando de uma das “revistas musicais”, a Companhia Negra de Revistas, composta por artistas negros. Essas revistas musicais eram shows que os artistas faziam em casa de espetáculos e cassinos. Foi justamente no elenco da Companhia que ele conheceu Albertina, que tinha como nome artístico Jandyra Aimoré e era a estrela do espetáculo. Dona Albertina ficaria conhecida como Dona Betty, tanto para os amigos quanto para todos os que se ocuparam e ainda se ocupam em estudar a história de Pixinguinha. Os dois casaram-se em 1927 e foram companheiros para sempre.

A primeira moradia do casal foi uma casa alugada no subúrbio de Ramos, na cidade do Rio. Em 1936, Pixinguinha e sua mulher adotaram uma criança, Alfredo da Rocha Vianna Neto. Mais tarde, esse filho lhe daria dois netos. O primeiro deles, Alfredinho, Pinxinguinha ainda teve tempo de conhecer dias antes de morrer.

Como acontece até hoje para muitos músicos, mesmo os bons, a carreira artística não traz retornos financeiros. Os amigos sempre tentavam ajudar. Em 1933, Pixinguinha tirou o diploma em teoria musical no Instituto Nacional de Música. No mesmo ano, Pedro Ernesto lhe deu o cargo de Fiscal de Limpeza Pública, cargo que lhe dava sustento e segurança financeira. Mas ao ajudar Pixinguinha, Pedro Ernesto queria que ele reunisse os colegas e fundasse uma banda, a Banda Municipal. E assim foi. A primeira apresentação da Banda comandada por Pixinguinha foi ao primeiro prefeito eleito do Distrito Federal, em 1934. O prefeito não foi outro senão o próprio Pedro Ernesto. Pixinguinha envolvia-se politicamente, mas sabia aproveitar as situações para continuar seu trabalho.

Se às vezes ajudavam, os amigos também atrapalhavam. Por exemplo, quando Pixinguinha teve a incrível idéia de abrir um bar, para aumentar os ganhos mensais. O problema foi que o bar passou a ser frequentado por seus amigos que bebiam e deixavam a conta “pendurada”. O empreendimento faliu.

Por outro lado, pode-se dizer que em suas parcerias musicais Pixinguinha só andava com boas companhias: Carmem Miranda, Noel Rosa, Vinicius de Moraes, Chiquinha Gonzaga, Osvaldo Cruz, Orlando Silva (o músico que o ajudou a construir seu maior sucesso, letrista de *Carinhoso*) Dilermando Reis, Benedito Lacerda, Altamiro Carrilho, Paulo Moura, Rafael Rabello, Hermeto Paschoal, Henrique Cazes, entre muitos outros.

E, na lembrança de todos que acompanharam a carreira desse músico, há o momento

memorável em que Pixinguinha, conhecido também como o mestre do choro, teve um encontro com o mestre do jazz, o norte-americano Louis Armstrong. Foi em novembro de 1957, quando o presidente Juscelino Kubitschek o convidou para almoçar com o grande trompetista, no Palácio do Catete, sede do governo federal.

O certo é que algumas dessas companhias foram só musicais e profissionais. Outras tornaram-se figuras importantes na vida do músico. Uma dessas figuras foi o músico – flautista e compositor – Benedito Lacerda.

Ele apareceu em um momento em que, mais uma vez, Pixinguinha sofria com suas dívidas. Já fazendo sucesso com a música *Jardineira*, Benedito Lacerda lhe ofereceu parceria. Sem muita opção, Pixinguinha aceitou, tendo de abrir mão de sua flauta para tocar o saxofone. Benedito acabou sendo seu principal parceiro; ficaram juntos mais ou menos cinco anos, de 1946 a 1950, tempo suficiente para gravar 15 discos para a RCA. A dupla se separou porque Lacerda teve de fazer a campanha política de Ademar de Barros, em São Paulo. Com isso tudo o lucro foi até que satisfatório, permitindo a Pixinguinha pagar a maior parte de suas dívidas. E Pixinguinha tirou a conclusão de que foi bom ter trocado a sua flauta pelo saxofone.

Em 1964, sofreu um enfarte, sendo internado no Instituto de Cardiologia. Ali, ficou internado por cerca de dois anos, afastando-se das atividades artísticas.

Em 1972, Pixinguinha acumulava um histórico de várias internações por causa de seus problemas cardíacos. Mas nesse ano, foi sua esposa quem inspirou cuidados. Ela foi internada e o músico também ficou doente. Ambos internados no mesmo hospital, ele se levantava do leito, trocava o pijama por terno e gravata e, com um ramalhete de flores rumava para o quarto da esposa. Ela nunca soube que ele estivera internado no mesmo hospital e, ao morrer, levou a imagem do marido elegante, do músico sensível, seu querido Pixinguinha.

Nesse mesmo ano, passou a receber sua aposentadoria pelo INPS, Instituto Nacional de Previdência Social, o que lhe ajudou nos problemas financeiros. Mas já não fazia diferença o quanto Pixinguinha pagava ou não suas dívidas, pois meses depois da morte de sua esposa, foi Pixinguinha quem rumou para o céu. A sua morte aconteceu durante a cerimônia do batismo de Rodrigo Otávio, filho de seu amigo Euclides de Souza Lima. O batismo estava se realizando na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Era um domingo de carnaval, e no instante em que seu coração parou de bater, a famosa Banda de Ipanema começava a desfilar.

HOMENAGENS

Em maio de 1956, Pixinguinha recebeu uma homenagem do prefeito Negrão de Lima com o a nova rua com seu nome: Rua Pixinguinha, no bairro de Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, onde morava. Dois anos depois, teve sua segunda crise cardíaca, mas que teve conseqüências muito sérias. Ainda em 1958, recebeu o Prêmio da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o diploma dado ao melhor arranjador pelo Correio da Manhã e pela Biblioteca Nacional.

Pixinguinha recebeu cerca de 40 troféus ao longo de sua carreira. Em 1961, quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República, criou o Conselho Nacional de Cultura e deu a Pixinguinha o cargo de Conselheiro, com a nomeação publicada no Diário Oficial. Em 1966, foi um dos primeiros a dar depoimento para o Museu da Imagem e do Som, o MIS, do Rio de Janeiro. Atualmente, no site do MIS do Rio, a imagem de Pixinguinha e seu saxofone é quase um símbolo do trabalho dessa instituição, que completa 45 anos nesse ano de 2010.

Em 1967, recebeu a Ordem de Comendador do Clube de Jazz e Bossa, dirigido por Ricardo Cravo Albin e Jorge Guinle, além do Diploma da Ordem do Mérito do Trabalho, conferido pelo Presidente da República e o 5º lugar no II Festival Internacional da Canção, onde concorreu com o choro *Fala baixinho*, feito em parceria com Hermínio B. de Carvalho.

Quando Pixinguinha fez 70 anos, o Conselho de Música Popular realizou uma exposição retrospectiva no M. I. S., instituição que promoveu concerto realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no qual tomaram parte Jacob do Bandolim, Radamés Gnattali e o conjunto Época de Ouro, o qual resultaria um LP editado pelo M. I. S.

Em 1974, recebeu uma homenagem da Escola de Samba Portela com o *enredo O mundo melhor de Pixinguinha* de Jair Amorim e Evaldo Gouveia, com que a escola desfilou no carnaval. Embora não tenham ganhado, a repercussão do desfile foi muito grande. Também foi homenageado pelo Ministério da Cultura, com o Projeto Pixinguinha, que tinha elencos de cantores e músicos que se apresentavam em todo o Brasil, projeto que seria reativado em 2004, pela Funarte.

Sem dúvida, uma das mais importantes homenagens é a data em que se comemora o Dia Nacional do Choro: é em 25 de Abril, data de nascimento de Alberto da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha.

PROJETO FUNARTE

O Projeto Pixinguinha, pela Funarte – Fundação Nacional das Artes – começou no país em 1977, com espetáculos de música brasileira acessíveis às camadas populares. Por isso, foi um projeto revolucionário para a época e importante na história da música popular brasileira. Quando começou, era difícil uma empresa apostar em uma atividade cultural. Dá a impressão que o nome – Pixinguinha – envolvia as pessoas de uma forma mágica, pois esse projeto já dura há mais de 30 anos.

Quando o Projeto Pixinguinha fez cinco anos, houve uma grande festa. Já era sucesso de público e referência para a promoção da cultura brasileira e para formar a sua grande platéia. Em 1983, a Petrobrás passou a ser a patrocinadora oficial. Para ter uma idéia da importância desse projeto, basta dizer alguns nomes que ele conseguiu lançar no mundo da música: Djavan, Zé Ramalho, Zeca pagodinho, Adriana Calcanhoto, Zizi Possi, entre outros.



O começo de um mundo melhor!

PIXINGUINHA BEM ACOMPANHADO

Parcerias

Bianca (com Andreoni)

Carinhoso (com João de Barro)

Carnavá tá aí (com Josué de Barros)

Casado na orgia (com João da Baiana)

Cochichando (com João de Barro e Alberto Ribeiro)

Gavião calçado (com Cícero de Almeida)

Jardim de Ilara (com C. M. Costal)

Lamento (com Vinícius de Moraes)

Mulata baiana (com Gastão Viana)

Mundo melhor (com Vinícius de Moraes)

Noite e dia (com W. Falcão)

Os home implica comigo (com Carmen Miranda)

Samba fúnebre (com Vinícius de Moraes)

Um a zero (com Benedito Lacerda)

Uma festa de Nanã (com Gastão Viana) * Urubu

Você não deve beber (com Manuel Ribeiro)

Carinhoso

Pixinguinha deu uma vez uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 1968, e disse assim: “Eu fiz *Carinhoso* em 1917, mas naquela época as pessoas não admitiam que um choro tivesse duas parte (os choros costumavam ter três partes). Então, eu fiz *Carinhoso* e deixei”. Tocar *Carinhoso* não ia ser muito bom naquele momento, pois ninguém iria aceitar aquilo. A letra de *Carinhoso* só foi feita 10 anos depois, quando Pixinguinha fez a parceria com Benedito Lacerda. No auge da carreira de arranjador musical, Pixinguinha conseguiu gravar *Carinhoso*. Foi em 1930, na voz de Orlando Silva, que também gravou *Rosa*.

Meu coração, não sei por que
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
Foges de mim

Ah se tu soubesses como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que tu não fugirias mais de mim
Vem, vem, vem, vem
Vem sentir o calor dos lábios meus a procura dos teus
Vem matar essa paixão que me devora o coração
E só assim então serei feliz
Bem feliz
Ah se tu soubesses como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que tu não fugirias mais de mim
Vem, vem, vem, vem
Vem sentir o calor dos lábios meus a procura dos teus
Vem matar essa paixão que me devora o coração
E só assim então serei feliz
Bem feliz

Autoria : Pixinguinha e João de Barro

Lamento

Morena tem pena
Mas ouve o meu lamen...to
Tento em vão
Te esquecer

Mas olha, o meu tormento
É tanto, que eu vivo em pranto,
Sou todo infeliz
Não há coisa mais triste, meu benzinho,

Que este chorinho que eu te fiz
Sozinho, morena
Você nem tem mais pé...na

Ai, meu bem
Fiquei tão só
Tem dó, tem dó de mim
Porque estou triste assim

Por amor de você
Não há coisa mais linda neste mundo
Que o meu carinho por você

Rosa

Tu és, divina e graciosa, estátua majestosa do amor

Por Deus esculpurada e
formada com ardor

Da alma da mais linda flor de mais ativo olor

Que na

vida é preferida pelo beija-flor

Se Deus me fora tão clemente aqui nesse
ambiente de luz

Formada numa tela deslumbrante e bela

O teu coração junto

ao meu lanceado pregado e crucificado

Sobre a rósea cruz do arfante peito

teu

Tu és a forma ideal, estátua magistral oh alma perenal

Do meu primeiro

amor, sublime amor

Tu és de Deus a soberana flor

Tu és de Deus a criação

que em todo coração sepultas o amor

O riso, a fé e a dor em sândalos olentes

cheios de sabor

Em vozes tão dolentes como um sonho em flor

És láctea

estrela, és mãe da realeza

És tudo enfim que tem de belo

Em todo

resplendor da santa natureza

Perdão, se ousar confessar-te eu hei de sempre

amar-te

Oh flor meu peito não resiste

Oh meu Deus quanto é triste a
incerteza de um amor
Que mais me faz penar em esperar em conduzir-te um dia
aos pés do altar
Jurar, aos pés do onipotente em preces comoventes de
dor
E receber a unção da tua gratidão
Depois de remir meus desejos em
nuvens de beijos
Hei de te envolver até meu padecer de todo
fenecer

Carinhoso

Pinguinha
Arranjo: Marco Pereira

Violão

Intro ad lib.

rall. molto

Choro lento

5

9

15

17

21

25

C5 4

C3

C7

C1

C3

C3

C7

C5 C4 C3

C5 C5

Copyright © Marco Pereira
Brasil - 1982

Conclusão

Pixinguinha foi o homem que encantou o mundo com o tocar de sua flauta, que virou o rei da música. Digno, sofreu ofensas do mundo por ser negro, mas passou por cima de todas elas e aos poucos fez seus sonhos realizarem-se, pois suas habilidades eram nada mais nada menos do que incríveis.

Há muito a ser dito depois de se fazer uma viagem como essa para dentro da alma de Pixinguinha. Ele nos traz a lição de que podemos vencer desafios a qualquer hora e a qualquer momento. Com suas músicas, Pixinguinha consegue nos envolver até hoje em sentimentos de carinho e amor e assim, também, fazer com que tenhamos uma ligação maior com a música brasileira. Essa foi um dos maiores aprendizados que tive ao pesquisar a biografia dele.

Eu já conhecia o que era um choro, sabia que era um tipo de música bem brasileira. Mas não podia imaginar a importância tanto do choro quanto de Pixinguinha – que eu também já conhecia por causa de *Carinhoso* – para a música brasileira como um todo.

Gostei tanto de tudo o que li e ouvi que tive vontade de viver alguns daqueles momentos em que o mundo era saudado pelas músicas de Pixinguinha. Se formos ver nosso mundo agora, temos muito do que nos orgulharmos. Mas eu acredito que se fosse a algum tempo atrás, nos orgulharíamos mais dessa beleza toda que dizem que é o mundo. Afinal, quando nossos pais eram jovens era tudo diferente. E se o mundo continuasse – pelo menos um pouquinho – parecido como antes teríamos mais “Pixinguinhas” em nossas vidas.

Bibliografia

www.dicionariompb.com.br/pixinguinha/biografia)

www.wikipédia.com.br

www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-carnaval/pixinguinha-2.php

Dicionário da Música Popular Brasileira

Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira

Memória do Fogo Vol 3 – O Século do Vento, Eduardo Galeano. LPM Editora.

MPB Compositores – Pixinguinha. Editora Globo

<http://www.collectors.com.br/CS06/cs06p02b.shtml>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Regime_militar_no_Brasil_\(1964-1985\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regime_militar_no_Brasil_(1964-1985))

www.pixinguinha.com.br



Ele foi a prova que todos nós podemos ser felizes!

A biografia de Pixinguinha, escrita e pesquisada por minha filha, Isabel Seabra Moreira Ribeiro, no 8º ano.

“Carinhoso” é uma canção muito tocada nas escolas, inclusive nas escolas Waldorf. Infelizmente, os alunos nem sempre ficam sabendo de quem é a autoria da música. Muito menos recebem informações acerca do autor.

Biografias de grandes personalidades brasileiras negras é um jeito bastante interessante de se trabalhar a auto-estima das crianças e jovens. Com Pixinguinha como tema, pudemos, eu e minha filha, adentrar o universo da música e o contexto social e racial vigente no Brasil, ao longo do século XX.

Por Sandra Seabra Moreira